

Feminismos e Engajamento de Jovens Mulheres do ABC Paulista:

narrativas orais de histórias de vida

Feminisms and Engagement of Young Women of ABC Paulista:

oral narratives of life stories

Rebeca Nunes Guedes Oliveira¹

*Doutora em ciências pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado em tecnologias lúdico-educativas para o enfrentamento da violência de gênero pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa Gênero, Mulher e Cidadania: Perspectivas Interdisciplinares em Comunicação e Saúde (CNPq/USCS).
Universidade Municipal de São Caetano do Sul, PPGCOM, São Caetano do Sul (SP), Brasil.*

Angélica Aparecida Sanches Hamasaki²

*Mestra em Comunicação, formada em Letras e especialista em Docência.
Universidade Municipal de São Caetano do Sul, PPGCOM, São Caetano do Sul (SP), Brasil.*

Resumo

Buscando compreender a constituição da identidade feminista e as formas de organização que se articulam entre jovens, preceitos analisados por hooks (2018; 2019), Hollanda (2018; 2019), Gavo (2020) e Fraser et al. (2019) foram trabalhados. A pesquisa, de caráter exploratório, foi

¹ Orientadora do estudo, atuou na concepção e delineamento do estudo, análise dos resultados; revisão e aprovação final do texto.

² Desenvolveu a dissertação que deu origem ao estudo. Concepção de delineamento do estudo, administração do projeto de pesquisa, coleta de dados, tratamento e análise dos dados, redação do texto. Formatação final do artigo

desenvolvida em abordagem qualitativa, sendo o tipo de estudo interpretativo na coleta e análise de narrativas, obtidas a partir de entrevistas. O movimento feminista é apontado pelas entrevistadas como plural, mas sua divisão em vertentes foi levantada como um divisor. O diálogo foi levantado como ferramenta de promoção do feminismo, não somente para discussão ou problematização de pautas, mas como uma forma de ouvir as vivências e “ir aonde as pessoas estão”, acessando diversas mulheres de maneira ponderada. Foi possível observar um diálogo forte do feminismo concebido pelas jovens com ondas anteriores, como as reuniões presenciais e rodas de conversa ou divulgação através de jornais próprios.

Palavras-chave: Movimento feminista. Quarta onda. Engajamento. Mulheres do ABC Paulista.

Abstract

Seeking to understand the constitution of feminist identity and the forms of organization that are articulated among young people, precepts analyzed by hooks (2018; 2019), Hollanda (2018; 2019), Gavo (2020) and Fraser et. al. (2019) were worked on. The research, of an exploratory nature, was developed in a qualitative approach, being the type of interpretative study in the collection and analysis of narratives, obtained from interviews. The feminist movement is pointed out by the interviewees as plural, but its division into strands was raised as a divider Dialogue was raised as a tool to promote feminism, not only for discussing or problematizing agendas, but as a way of listening to experiences and “going where people are”, accessing different women in a thoughtful way. It was possible to observe a strong dialogue of feminism conceived by the young women with previous waves, in the resumption of actions that were present at the origin of the movement, such as face-to-face meetings and conversation circles or dissemination through own newspapers.

Keywords: Feminist Movement. Forth wave. Engagements. Women in ABC Paulista.

Resumen

Buscando comprender la constitución de la identidad feminista y las formas de organización que se articulan entre las jóvenes, preceptos analizados por hooks (2018; 2019), Hollanda (2018; 2019), Gavo (2020) y Fraser et al. (2019) fueron trabajados. La investigación, de carácter exploratorio, se desarrolló en un enfoque cualitativo, siendo el tipo de estudio interpretativo en la recolección y análisis de narrativas, obtenidas a partir de entrevistas. El movimiento feminista es señalado por las entrevistadas como plural, pero su división en corrientes fue planteada como divisoria. El diálogo se

planteó como una herramienta para promover el feminismo, no solo para discutir o problematizar agendas, sino como una forma de escuchar experiencias e “ir donde está la gente”, accediendo a diferentes mujeres de manera reflexiva. Se pudo observar un fuerte diálogo del feminismo concebido por las jóvenes con oleadas anteriores, como encuentros presenciales y ruedas de conversación o difusión a través de sus propios periódicos.

Palabras clave: Movimiento feminista. Cuarta ola. Compromiso. Mujeres del ABC Paulista.

Introdução

Arruzza et al. (2019) apontam a emergência de uma nova onda feminista, a partir da observação de movimentações mundiais e organizações impulsionadas por uma greve feminista realizada na Polônia em 2016, que mantém diálogo e semelhança com demandas passadas. Ao mesmo tempo, constata a presença de novas maneiras do “fazer greve”, pois, a partir de um feminicídio de uma mulher argentina, surgia um movimento que logo se tornou mundial, o “Ni una a menos”.

O engajamento de jovens mulheres no feminismo frente à atual conjuntura de polarização político-ideológica convive, em contrapartida, com a eferescência de práticas discursivas estereotipadas, crenças de irrelevância quanto às questões de gênero e recusa ao movimento feminista. Essa problemática descortina o importante papel da Comunicação de Interesse Público para a desconstrução de estereótipos e a disseminação de conteúdos condizentes com a realidade histórica e social do movimento na luta pela cidadania das mulheres para a qual a igualdade de gênero é condição. Compreender as demandas e pautas atuais do movimento político-social feminista pode ser diretamente uma ferramenta de desmistificação e combate à desinformação e ao preconceito. O conhecimento da autora deste estudo quanto aos feminismos presentes em sociedade veio com a ajuda da internet, da comunicação e troca com outras mulheres, além do estudo da literatura e discussões em redes sociais, como o Facebook. Percebe-se hoje que as discussões ganharam “chão físico” e que reuniões para abordagem de pautas feministas – hábito mais comum nas gerações anteriores – estão novamente ganhando força.

Considerando o movimento político-social feminista promotor de engajamentos em ativismos e ações coletivas, bem como seu estabelecimento de pautas de interesse público, procura-se compreender as multiplicidades presentes em seus sujeitos. Desta maneira, buscou-se compreender como se dá a

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.354>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 51, p.25-46, set./dez. 2023

constituição do feminismo a partir das narrativas de jovens mulheres, levando em conta suas formas de expressão, pautas e engajamento na região do ABC paulista.

Método

A pesquisa, de caráter exploratório, foi desenvolvida em abordagem qualitativa, sendo o tipo de estudo interpretativo na coleta e análise de narrativas, obtidas a partir de entrevistas.

Gil (2008, p. 27) define pesquisas exploratórias como as que “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Perazzo (2015, p. 123) aponta no conceito de História Oral “uma importante metodologia para os estudiosos que se preocupam em investigar as possibilidades da comunicação, ou as possibilidades comunicativas da cultura entre grupos ou pessoas, na atualidade”.

Considerando o sujeito multifacetado e fragmentado, conceito explorado por Hall (2006), buscou-se compreender, a partir dos discursos narrativos concebidos por participantes do estudo, suas concepções do movimento feminista e formas de organização presentes em seus cotidianos, bem como a construção de suas identidades como feministas.

A presente pesquisa teve como cenário a região do ABC Paulista, pois não há poucos estudos desta temática específica voltados para esta área. Em busca de periódicos encontrados, há um número considerável de artigos apresentando o feminismo de mulheres sindicalistas ou de gerações anteriores, porém carece o foco nesta geração observada neste estudo.

A amostragem por conveniência e acessibilidade aplicou esforços na seleção de sujeitos diversos, de maneira que buscou abranger os diversos feminismos, vivências e expressividades. Este esforço vem da ideia de um estudo de caráter interseccional, como são as vivências citadas pelos autores nele presentes. A partir da disponibilização inicial, foi aplicado um questionário de caracterização, de maneira a fornecer dados iniciais e conhecimento prévio das entrevistadas. Em seguida, foram definidos os períodos para realização das entrevistas.

Para Gil (2008, p. 100), as entrevistas podem ser definidas como um momento em que “investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos

dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social”. Elas foram feitas em profundidade, com o apoio de um roteiro, que contou com questões e tópicos norteadores. O roteiro utilizado conta com etapas de categorização inicial para as vivências, consistindo em tópicos como infância, adolescência e feminismo.

A seleção das participantes ocorreu a partir de amostragem de acessibilidade ou conveniência, definida por Gil (2008, p. 94) como uma forma de triagem em que são selecionados “os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo”. Nesta seleção, também foram consideradas participantes de grupo feminista local em rede social. De acordo com Fiorin (2009), a realidade sempre será mediada pela linguagem, pois é a partir dela que temos acesso e tomamos conhecimento de acontecimentos. Esta realidade presente no discurso não conta com neutralidade, pois a escolha de termos sempre será uma escolha pensada. Partindo deste princípio, o referencial teórico utilizado foca não somente em gênero e na interseccionalidade, mas também na análise das narrativas orais de história de vida.

O recorte etário foi definido com base na abrangência de juventude de acordo com o Estatuto da Juventude, instituído pela Presidenta da República Dilma Rousseff em 2013, que define como jovem “(...) as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (BRASIL, 2013). Por questões éticas e de autonomia na participação, a idade mínima para as participantes do estudo foi de 18 (dezoito) anos de idade. Levou-se em consideração que a geração da quarta onda ou pós-feminismo, segundo os levantamentos presentes neste estudo, tem seu início a partir dos anos 1990. Portanto, a faixa etária delimitada está inserida na geração abordada, pois tem seu nascimento a partir desse ano.

Para consideração e participação no presente estudo, as participantes obedeceram aos seguintes critérios: ter entre 18 e 29 anos de idade, identificar-se como feminista e atuar nas cidades do ABC Paulista.

As participantes preencheram, inicialmente em questionário elaborado utilizando o Google Forms, algumas questões: nome, naturalidade, local de residência, raça (autodeclarada), gênero (autodeclarado), religião, idade, estado civil, filhos, profissão e escolaridade.

As entrevistas foram realizadas de maneira presencial ou por videochamada, de acordo com a disponibilidade e escolha das participantes, que foram notificadas da necessidade de gravar o processo e

do uso das informações relatadas na pesquisa. As gravações foram, posteriormente, transcritas para análise dos discursos.

Das cinco entrevistas realizadas neste estudo, quatro se desenvolveram presencialmente, em ambientes de comum acordo com as entrevistadas. Uma das participantes do estudo optou pela modalidade online, neste caso por meio da ferramenta Zoom. Todas as entrevistas foram individuais, contando apenas com a presença da participante entrevistada e da pesquisadora.

O ato de gravação da conversa se deu a partir do consentimento de cada uma das participantes do estudo. Além disso, o uso de termos apropriados e nomes para se referir a cada uma das jovens foi questionado a partir de um formulário de caracterização e confirmado no início das entrevistas.

Os relatos das jovens foram gravados em áudio, por ferramentas de gravação sonora, em celular ou computador. Posteriormente, essas gravações foram transcritas com o auxílio de recursos de transcrição online e revisadas minuciosamente, buscando respeitar a particularidade de cada discurso em suas concepções e a subjetividade de cada uma das participantes, de forma a reproduzir com exatidão desde sua escolha lexical até as entonações e pausas que ali se articularam.

A partir dos relatos coletados transcritos, houve a leitura exaustiva para proporcionar a identificação de temas que permitiram a categorização dos estudos, considerando a dimensão política presente nos discursos. Além disso, a análise buscou retratar a própria construção dos sujeitos a partir das relações, como destaca Fiorin (2009, p. 156)

(...) a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância.

A elaboração de categorias a partir da leitura foi realizada visando compreender os pontos decisivos nas vivências retratadas, as diferenças e semelhanças das identidades femininas participantes.

Análise e discussão dos resultados

Com a chegada dos anos 2000, surgem argumentos de fracassos e desgastes, por parte do movimento feminista, em manter-se intacto e consolidar suas pautas, ao mesmo tempo, de pouca importância e concretização total de suas demandas (GOMES e SORJ, 2014). O feminismo foi descrito entre as participantes do estudo como um movimento que busca combater as desigualdades e as violências

enfrentadas por mulheres. Uma das participantes salientou que vê o movimento como ferramenta para compreensão das sobrecargas que outras mulheres enfrentam e como maneira de “colocar a indignação para fora”:

[...] a gente cresce ouvindo tanta coisa e que vai nos indignando, e vai... a gente vai guardando numa caixinha aqui dentro e, quando a gente começa a colocar isso pra fora, a gente começa a querer (...) enxergar um pouquinho dos nossos direitos também garantidos, assim como os homens têm, né? (YARA)

O mesmo sentimento de revolta diante das injustiças e desigualdades se fez presente entre mulheres no início do movimento e foi combustível que impulsionou sua criação. Ele também foi tomado como sentimento “anti-homem” por aqueles que acreditam na manutenção dos papéis de subalternação combatidos pelo movimento (HOOKS, 2018). Miguel (2014) aponta que, em maior parte das sociedades, ocorre a naturalização das desigualdades recorrentemente, e que elas são assumidas como desculpas de condição das espécies. Desta maneira, dá-se a importância da conscientização e compreensão por parte dos homens quanto ao machismo e as opressões decorrentes das desigualdades gestadas em sociedade (HOOKS, 2018):

o machismo não é só problema das mulheres, o machismo é também problema dos homens, né? Não numa lógica tipo “aí, o homem feminista”, não nisso; mas que, muitas vezes, quando a gente tem um caso de machismo, os homens também precisam aprender a lidar com isso. Porque, muitas vezes, a primeira posição é “não, deixa que as companheiras mulheres resolvem”. Mas a gente também precisa colocá-los para resolver os problemas do machismo, afinal são eles que fazem a gente perder tanto tempo com o machismo, né? Então, é superimportante que eles também tenham essa consciência e sejam (...) que atuem, de fato, pra quebrar com esse ciclo. (BRUNA)

A compreensão das diversas lutas, vivências e conflitos que se apresentam na experiência de mulheres, também em suas pluralidades e singularidades, apresenta uma face inclusiva e analítica que proporciona um panorama de ramificações que se conectam ou diferenciam (GAVO, 2020). Nas falas das entrevistadas, o reconhecimento das pluralidades do feminismo se deu em comentários tecidos em relação às vertentes socialmente apresentadas e no destaque às diferentes experiências das mulheres. Farias (2018) apresenta o conceito de interseccionalidade, que vem sendo utilizado como “(...) forma de interpelar as hierarquias de opressão presentes, apontando para a variedade de estruturas que invisibilizam e apagam as múltiplas demandas das mulheres”. Para Macedo e Amaral (2005), a compreensão da identidade como algo fragmentado, como um conceito múltiplo, não unificado ou fixo, pensamento proposto também por Hall (2006), é essencial para os desdobramentos que foram se articulando entre as particularidades presentes no feminismo. Segundo Ribeiro (2018, p. 175), precisamos

“(...) enfatizar que não existe uma MULHER, existem MULHERES. Portanto, não existe FEMINISMO, existem FEMINISMOS”.

O feminismo é apresentado como a única forma de libertação para todas as mulheres. Maria Clara destaca que o marxismo compreende que existe uma luta específica das mulheres, mas que, independentemente de lutas individuais e específicas de cada grupo, como mulheres, todas são uma classe:

Nós somos mulheres trabalhadoras e que sofrem diversas opressões que são sustentadas pelo capitalismo. E a gente acredita que a única maneira de resolver isso é lutando e sempre colocando que o nosso principal inimigo é, bom, esse sistema, é o capitalismo, é a burguesia. E só assim a gente vai ter uma chance de ter um mundo melhor pras mulheres, todas elas, né? (MARIA CLARA)

Segundo Fraser et al. (2019, p. 76), o capitalismo não é “apenas um sistema econômico, e sim algo maior: uma ordem social institucionalizada que abrange relações aparentemente não econômicas e práticas que mantêm a economia oficial”. A organização social em relação ao trabalho e às hierarquias impostas se faz presente na fala de Luciana, que reitera a opressão que o capitalismo faz às massas trabalhadoras e como esta é direcionada, principalmente, às mulheres, que acabam recebendo menos, gerando filhos, cuidados e mão de obra. Desta maneira, acabam encarregadas da manutenção do sistema e da mão de obra. Para hooks (2018) e Gavo (2020), a segregação das mulheres a determinados espaços, assim como a dominação masculina, está profundamente enraizada no capitalismo.

É de extrema importância considerar os espaços dos feminismos como locais de inclusão, de maneira que todas as mulheres sejam contempladas, em suas particularidades e enfrentamentos, não apenas uma parte. Desta maneira, é possível construir um movimento para alcançar demandas reais para todas, não apenas manutenções de privilégios (FRASER et al., 2019).

As demandas apresentadas nos relatos se dão em diversos espaços e enfatizam que há muito a se conquistar. Iniciam em “coisas pequenas”, mas que ainda não são garantidas às mulheres, como sair com qualquer roupa ou não sofrer agressões, e avançam para outros mais densos e complexos. Para uma das entrevistadas, há necessidade de uma revolução para que o alcance de um mundo diferente seja possível, o que define como o marxismo em prática.

A concretização de pautas foi diretamente atrelada à participação de mais mulheres no meio político:

[...] o ponto de vista de políticas públicas para mulheres é tendo mais mulheres na política. A gente só consegue falar sobre mulheres com propriedade quando a gente tem mulheres na política, né? (BRUNA)

Segundo Biroli (2014), é necessária a reflexão quanto à articulação dos espaços, o que é definido público e privado. A discussão de pautas e a reflexão das limitações antes impostas no que era passível ou não de discussão em diferentes esferas são apresentadas como ponto de partida para o alcance de igualdade, pois entender “(...) como se desenhou a fronteira entre o público e o privado no pensamento e nas normas políticas permite expor seu caráter histórico e revelar suas implicações diferenciadas para mulheres e homens (...)” (p. 31).

Segundo Ribeiro (2018, p. 175), narrativas “múltiplas foram constantemente silenciadas ao longo da história do feminismo ao se impor uma única forma de pensar gênero e até mesmo raça”. A disputa por pautas em relação a outras sempre esteve presente no movimento, considerando as pluralidades de mulheres e demandas que integram o movimento:

No feminismo, ah, eu já vi, infelizmente, muita competição nesse lugar de quem sabe mais. Infelizmente. Com amigas minhas, de tipo assim “não, é porque isso, isso, mas eu li que isso, isso e isso”. E tipo, às vezes, se torna um “quem lê mais”. E tipo, gente, não...não é nesse lugar, sabe? De conflito de que, às vezes, uma mana deixa de acreditar numa mana por causa de um cara. (LEAL)

A presença de disputas dentro do feminismo, ao mesmo tempo que vista como maneira de alcançar o debate, é apresentada como empecilho à consolidação de seus objetivos, na visão das entrevistadas, pois traz separação em locais em que a união seria fundamental. A fragmentação do movimento é apontada como sobreposição de interesses e separação entre mulheres, que acabam desconsiderando pautas de realidades diferentes:

As lutas estão totalmente atreladas, né? Por isso que, tipo, não faz sentido esse conflito existindo inclusive, né? Essa separação (...) existe esse conflito, né, da questão de gênero, de identidades femininas, que não sejam mulheres cis, serem excluídas do feminismo, né? Existe a questão racial também, né? Que, tipo, que a pauta do feminismo preto é subjugada também, é subordinada, tipo, colocado em segundo plano, né? Então, eu acho que são conflitos bem presentes. (...) existe esse conflito da raça. E eu acho que existe o conflito da classe, né? (LUCIANA)

A concretização das demandas femininas articula-se nos relatos em setores político, trabalhista e a autonomia. O avanço dos direitos das mulheres, como o exercício político feminino, principalmente em relação a exercer o voto feminino, direito antes reservado apenas aos homens, foi apontado como conquista por todas entrevistadas. Obtido por meio de movimentos sufragistas no Brasil, contou com grande participação da mídia de publicação feminista, o que resultou em um projeto de lei que, mesmo

sofrendo atrasos devido a reações antifeministas, pôde ser concretizado em 1928 (HOLLANDA, 2019). Segundo Miguel (2014), a movimentação de mulheres e homens possibilitou, gradativamente, a consolidação de direitos e de espaços para mulheres, que antes tinham seus direitos negados, sob a justificativa de que seriam assegurados por seus maridos ou familiares. A negação da presença da mulher na esfera pública, assim como o exercer político, desenrolava-se desde a Grécia Antiga, onde os homens pertenciam ao espaço da Pólis, e as mulheres e escravizados eram cerceados em direitos (MIGUEL, 2014), bem como o direito à propriedade ou ao exercer de qualquer autonomia (GARCIA, 2020).

As pautas de sexualidade feminina, por exemplo, durante o início do movimento, sofriam cerceamentos devido a discursos puritanos, que discutiam sexualidade apenas para reforçar a importância do celibato, ao mesmo tempo que a prática da sexualidade era vista sob o estereótipo de promiscuidade, de acordo com hooks (2018). Ainda segundo a autora, mesmo durante o “(...) auge da libertação sexual e do movimento feminista contemporâneo, as mulheres descobriram que os homens muitas vezes estavam dispostos a aceitar a igualdade em todas as esferas, exceto na sexualidade” (p. 73). A autonomia feminina, a partir da validação dos direitos reprodutivos, embora ainda conte com demandas, surge nos comentários das entrevistadas. Para Luciana e Maria Clara, os direitos reprodutivos no Brasil ainda sofrem retrocessos, como impedimentos ao seu acesso e o próprio reconhecimento das lutas envolvidas nas pautas que os possibilitaram:

Teve a questão do aborto, né? Que é algo que aqui no Brasil tá tendo esse retrocesso agora, né? Mas, mesmo que aconteça de maneira limitada, ainda foi uma conquista, né? E eu acho que a gente poderia, ainda precisa lutar pra que as mulheres tenham o pleno direito de reprodução, né, e de ser mãe quando elas quiserem, né? (LUCIANA)

As mulheres conquistaram o direito ao voto depois da Revolução, elas conquistaram o direito à legalização do aborto, aborto livre e seguro (...) pra mulheres, crianças, em caso de estupro, tudo isso. Eh...muitos direitos foram conquistados, assim, através da Revolução Russa pras mulheres. (MARIA CLARA)

De acordo com hooks (2018), a ausência da garantia de direitos reprodutivos leva mulheres a gravidezes indesejadas ou ao aborto ilegal. Desta maneira, reitera que uma mulher pode escolher não realizar procedimentos como o aborto, mas não pode se posicionar contra a autonomia de outras mulheres e se dizer feminista. Os direitos à maternidade, à creche, à escolha e a métodos contraceptivos ou laqueaduras são mencionados como conquistas do movimento feminista. Miguel (2014) destaca que a atribuição do cuidar às mulheres é o que torna possível o trabalho masculino na esfera pública e isola/sobrecarrega mulheres a uma jornada de trabalho não remunerado e socialmente reforçado. Desta

maneira, o direito à creche torna-se fundamental, pois “a ausência desse tipo de serviço é um obstáculo, por vezes intransponível, para a participação política, a escolarização ou o ingresso no mercado de trabalho” (p. 63). O acesso a informações que permitam que a maternidade seja uma escolha, considerando que a gestação indesejada se dá de maneiras diferentes para pessoas com útero, é fundamental no alcance de direitos iguais (BIROLI, 2014). O procedimento de laqueadura, por exemplo, citado por uma das participantes, teve significativas mudanças em sua concessão apenas em 2022. Era necessária permissão de cônjuge, além da idade mínima de 25 anos, e não era possível realizar o procedimento durante o parto. Após as alterações, a lei passou a não requerer permissão, além de ter a idade mínima reduzida para 21 anos e a possibilidade de sua realização durante o parto, sem necessidade de esperas (COFEN, 2023).

A crescente presença feminina em espaços de poder, como o meio político e a busca por superação da pouca representação feminina, tem sido pauta central feminista (MIGUEL, 2014). Candidaturas femininas, sejam individuais ou a partir de mandatos coletivos, têm crescido significativamente, ainda que apresentem números extremamente baixos em relação a outros países (HOLLANDA, 2018). A questão da representatividade política foi levantada nas entrevistas, tendo como exemplo a eleição de Ediane Maria como Deputada Estadual, que trouxe

demandas reais das mulheres da periferia (...) dentro das assembleias com as mulheres negras ocupando esse local. (BRUNA)

Ainda, a violência política se desenrola nos grupos que não aceitam posições de subalternidade. A baixa representação política comentada por Holanda (2018) deixa explícita a limitação do pertencimento feminino à esfera política por parte da sociedade. Marielle Franco foi assassinada e silenciada em sua trajetória, e Dilma Rousseff, publicamente humilhada e vítima do machismo daqueles que não aceitavam seu governo. A violência sofrida por Dilma e por Marielle na esfera política não foi apontada como conquista, mas acontecimento que descortinou uma violência que, segundo uma das entrevistadas, não era percebida ou recebia devida atenção. Em seu entendimento, a misoginia e a invalidação enfrentadas por ambas escancarou não somente suas identidades políticas, mas suas vivências como mulheres em um campo majoritariamente masculino e sujeito à opinião pública, em que também se desenrolam as desigualdades e o sexismo.

De acordo com Biroli (2014), há um estabelecimento de valor àqueles que se adequam ao que é socialmente estabelecido. A partir daí, há um trabalho de desqualificação e invalidação, direcionado aos que estão dispostos a contradizer e não aderir a estas imposições, seja na divulgação de informações falsas, seja no silenciamento ou no subjugar da aparência, comportamento ou demandas. O desconhecimento em relação à luta das mulheres resulta na propagação de desinformação quanto ao movimento e suas participantes: o antifeminismo sustenta narrativas de que o movimento feminista é anti-homem ou pretende tornar mulheres raivosas (HOOKS, 2018).

muitos homens (...) usam do machismo para nos considerar...a "mulher peluda", a "mulher que luta pra ter mais direito dos que os homens". (YARA)

A gente tava na panfletagem em Santo André, na campanha, e uma menina passou e levou adesivo, que era "o futuro é feminista". Ela: "o futuro é feminista. O futuro é feminista, mãe". Aí, eu entreguei pra ela "ó, leva aqui uns adesivos do 'futuro é feminista'". Aí, ela falou assim: "Você é feminista? Porque eu sou feminista". Aí eu falei: "Ah, eu sou feminista também". Ela tinha lá os seus doze anos, né? Aí, ela passou. Aí, depois ela voltou: "Você tem sovaco peludo?". Aí, eu travei assim e eu falei "E aí? O que eu respondo pra ela?". Aí, eu falei: "Às vezes sim, às vezes não, né?". Aí, ela falou: "Porque eu tenho o sovaco peludo, porque eu sou feminista, né?". E eu achei tão incrível como um...uma maneira estereotipada pra ela era positivo, o que pra muita gente é negativo, né? Então, eu acho que sim (...) pra quem não tá na nossa bolha, o feminismo é muito estereotipado ainda. (BRUNA)

Estar nestes locais implica fazer disputa com homens mais velhos, que estão há mais tempo em seus cargos ou agem como se tivessem mais conhecimento. Isso foi apontado como corriqueiro nos espaços em que as tomadas de decisão se desenvolvem. Ações de questionamento diante das opressões diversas gestadas na sociedade patriarcal e mesmo o avanço das conquistas femininas são tomados como desafios a um sistema imposto socialmente e às posições de poder que dela se beneficiam. Para Hollanda (2018, p. 51),

É preciso ter a noção clara do tamanho da misoginia enfrentada por mulheres que desafiam os donos do poder ao batalhar por uma representatividade mais igualitária, para fortalecer todas as outras mulheres dentro destes espaços, porque é ali que reside a maior das disputas: a que pode tornar a jovem democracia brasileira uma democracia de fato.

A sub-representação feminina também foi apontada como um desafio nos relatos das entrevistadas. De acordo com Pellegrino (2018), o Brasil tem um dos menores índices em relação aos países da América do Sul. A questão da mulher na política vai ainda além: a baixa representação feminina que, quando se faz presente, não contempla os interesses de todas as mulheres e acaba se concentrando naquelas que já possuem privilégios. A união feminina e a compreensão da necessidade de lutar por mulheres na política, por buscar direitos para mulheres / mulheres eleitas que não reconhecem a

importância do feminismo e da luta por direitos iguais, que não se reconhecem como feministas e, por consequência, validam ou perpetuam falas sexistas, por falta de consciência. Kuhnert (2018) salienta que acreditava que a abordagem feminista em relação a questões raciais e sexuais, assim como a reação machista de homens beneficiados pelo patriarcado brasileiro, eram os principais motivos para mulheres não se denominarem feministas e se sentirem desconfortáveis ao fazê-lo, algo que era comum nos anos de 1980 e 1990. Porém, ainda é presente “(...) em meio às representantes desta quarta e explosiva onda feminista jovem, alguma hesitação nesse sentido. (...)” (p.51).

Em relação à união de mulheres, a competitividade feminina se fez presente em um dos relatos como um problema social:

A gente foi historicamente ensinada a disputar com outra mulher. A disputar, seja porque ela é mais bonita que eu, seja porque ela é mais inteligente, seja porque ela tem mais amigos ou menos amigos, né, seja porque... Tá dentro da gente. A gente olhar pra uma mulher na rua com uma minissaia, e a primeira coisa que vem na sua cabeça é pensar, por mais que você também use ou que você não use por opção sua, você julga aquela mulher. Então, acho que a mulher foi ensinada assim, a disputar, né? Até porque, né, se a gente não disputar espaço nenhum, a gente... ninguém vai dar nada pra nós, né? Mas a disputa entre mulheres é um grande desafio do feminismo. (YARA)

Hooks (2019) destaca que é de extrema importância que mulheres aprendam a conduzir diálogos e divergir sem competição. A autora ainda destaca a necessidade de solidariedade entre mulheres, transformando a maneira de relacionar e comunicar entre grupos, mesmo diante de diferenças, pois só é possível atingir a verdadeira união feminina a partir do momento em que as particularidades e as opressões por elas geradas são reconhecidas, bem como o reconhecimento de posições de privilégio e dominação, e “no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado” (HOOKS, 2018, p. 23). A partir daí, é possível expandir a territorialização do movimento, partindo para outros desafios apontados nas narrativas, como a questão do suporte dos homens ao feminismo. A conscientização masculina foi apontada como necessária, ao mesmo tempo que ter apoio de homens é considerado um desafio nos relatos das jovens:

Mais marcante é você perceber que os homens que se dizem aliados são aliados até a "página dois". Isso é uma coisa que eu venho percebendo, assim. É até onde convém a eles. Literalmente, qualquer homem que eu... que eu conheci [...]. (LEAL)

Percebe-se que o diálogo é a chave principal para as entrevistadas no acesso ao público e na divulgação do movimento feminista. Todas enfatizaram sua importância e destacaram que estar nos locais onde as pessoas estão é primordial para que qualquer promoção de ideias seja possível:

A gente acredita que a gente tem que estar onde essas pessoas estão e conversar com elas e, assim, fazer a luta política de convencimento sobre... sobre a nossa linha. Porque é isso, assim, a gente acredita que não tenha outra solução. (MARIA CLARA)

O uso da internet pelos grupos dos quais as jovens fazem parte se dá para divulgação do local de reuniões ou de atos previamente organizados. Além disso, há postagens de cunho crítico, direcionado à exposição de problemas pontuais das cidades do ABC ou de notícias relacionadas a pautas feministas, em contas dos coletivos de campo político. Outros movimentos, como a União da Juventude de Rebelião, do qual uma das entrevistadas é parte, contam com publicações em jornal – de nome “A Verdade” – como maneira de discussão e promoção de ideias.

De acordo com hooks (2018, p. 89),

O movimento feminista avança sempre que qualquer homem ou mulher, de qualquer idade, trabalha pelo fim do sexismo. Esse trabalho não exige de nós, necessariamente, aderir a organizações. Podemos trabalhar em nome do feminismo do lugar onde estamos. Podemos começar a fazer o trabalho pelo feminismo em casa, exatamente onde moramos, educando a nós mesmos e às pessoas que amamos. No passado, o movimento feminista não ofereceu a indivíduos mulheres e homens orientação suficiente para mudança.

Além disso, nas narrativas das entrevistadas, o meio artístico aparece como maneira de expor pautas e trazer conscientização, a partir da organização de saraus que oferecem poesia e manifestações artísticas diversas. Uma das entrevistadas é atriz e faz parte de grupos de teatro e de um coletivo jornalístico. Em seu relato, não apenas funcionam como escape e profissão, mas como meio de atingir o público e provocar a reflexão. A arte é utilizada como meio de afirmação para uma das participantes, que buscou conhecer mais como se davam as opressões em sua família e viu na arte uma forma de “eternizar” suas vivências. Para ela, a resistência dessas mulheres se entrecruza hoje com sua própria realidade como mulher trans. Entre atos de expressividade organizados pelos coletivos que integram, uma das entrevistadas rememorou um ato com relação ao feminicídio, em que buscaram impactar pessoas quanto ao número crescente, colocando cruzeiros no chão com os nomes das vítimas, de maneira a conseguir a atenção daqueles que transitavam.

Duas entrevistadas, Bruna e Yara, articulam-se no cenário político, integrando mandatos coletivos de diferentes partidos – Mulheres por Mais Direitos, do PSOL, e Coletiva de Mulheres, do PT. No período

de suas candidaturas, as entrevistadas Bruna Biondi e Yara mobilizaram ações nas ruas, principalmente, buscando diálogo mais próximo com possíveis eleitores. A candidatura coletiva do PSOL se deu, inclusive, sob o título de “O futuro é feminista”. Outras duas participantes, Maria Clara e Luciana, fazem parte do Movimento de Mulheres Olga Benário e da Casa Helenira Preta, em Mauá. E, por fim, a última entrevistada, Leal, integra o coletivo de jornalismo comunitário Território Livre FM. Uma das participantes faz parte de um grupo de teatro e de uma rádio, também apresentadas como veículos de propagação de pautas e atos feministas.

Organizar rodas de conversa e reuniões esteve entre as principais formas de discutir tópicos e até levantar formas de organização e mobilização nos movimentos em que se articulam. Ações promovidas pelas entrevistadas em bairros e ocupações contam com abordagem mais progressiva, sendo que há um trabalho para expor até assuntos de natureza mais delicada de forma que as integrantes não se sintam coagidas ou desrespeitadas de alguma maneira.

Ninguém falou efetivamente de violência, sabe, política, ou mesmo de feminismo. E aí, aos poucos, na conversa, aquelas senhoras ali foram falando. Falando assim: “Ai, não... Meu marido, quando chega na minha casa agora, não é ele que... ele fala pra eu fazer a janta e eu falo: não, faz você, pede um lanche”, sabe? (YARA)

Participantes que se integram ao Movimento de Mulheres Olga Benário destacaram a promoção de rodas de conversa, em alguns momentos cruzadas entre três diferentes ocupações organizadas por ele, como maneira de transformar a realidade:

Organizar essas mulheres juntas pra transformar nossa realidade, que é difícil, que é de luta, que é opressora, né? E é isso, é assim que a gente atua, né? Tipo, tá nessa luta de consciência, travando lutas, tipo, das principais necessidades que a gente tem na cidade, tipo, e organizando as mulheres, tipo, cobrando aos governantes de Políticas Públicas que sejam realmente, tipo, implementadas de maneira que contemplem, né, tipo, a realidade da nossa...nossa cidade, do nosso Estado [...]. (LUCIANA)

Muitas mulheres estabelecem valor em suas vivências, mesmo diante de dificuldades ou violências, portanto apresentam resistência inicial ao diálogo feminista, quando o questionamento de suas realidades ocorre (HOOKS, 2019). Yara revela um discurso no qual se destaca a importância de uma micropolítica feminista nos espaços cotidianos que integram a reprodução social das mulheres. Para ela, o feminismo hoje precisa ir além dos grandes eventos na conscientização de mulheres em relação a pautas feministas:

Eu acho que a gente precisa, para além de grandes eventos, fazer pequenos movimentos em...em cidades. É um micro, assim. Eu acho que é um micro que vai mudar o macro, sabe? A gente precisa ir nos bairros conversar com as mulheres, a gente ir... a gente não precisa ir lá e chegar fazendo e falar sobre violência.

Não. Eu... eu vou chegar lá no bairro, na casa da dona Maria, que tem curso de tricô, e voltar lá e vou bater papo. Vou fazer uma aula e vou bater um papo com aquelas mulheres. E vou inserindo, dentro da realidade delas. (YARA)

Os temas são dos mais variados: saúde da mulher, violência obstétrica, direito à creche, violência doméstica, incentivo a candidaturas de mulheres, feminicídio e políticas públicas, entre outros. Observa-se, a partir dos relatos, um aspecto convergente na experiência das participantes do estudo em relação às feministas da primeira e segunda onda, que atuavam nos grupos de autoconsciência, nos quais as mulheres se reuniam para discutir sua situação na sociedade e organizar suas ações.

De acordo com hooks (2019, p. 99),

A importância da comunicação verbal é igualmente relevante para a divulgação das ideias feministas. Na campanha porta-a-porta de rerepresentação da política feminista a um público mais alargado, as mulheres teriam a oportunidade de fazer perguntas, esclarecer problemas dar a sua opinião.

As violências são concebidas em diversas formas nos relatos apresentados. Em todos, foi salientada a questão da opressão multifacetada encarada pela mulher e a importância de um viés interseccional na compreensão de como se apresentam e entrecruzam. Mesmo entre as jovens, as opressões experienciadas se mostram diversificadas: o machismo, apontado por todas; porém o racismo, a bifobia e a transfobia não aparecem em todos os relatos, apenas nos daquelas que apontam sexualidades ou identidades socialmente “rejeitadas”.

Segundo Farias (2018), a interseccionalidade é justamente uma “forma de interpelar as hierarquias de opressão presentes, apontando para a variedade de estruturas que invisibilizam e apagam as múltiplas demandas das mulheres” (p. 151). Apesar da multiplicidade das violências, Maria Clara destaca a importância da união entre mulheres. As reuniões desenvolvidas na Casa Helenira não são segregadas, em suas palavras. Nesse espaço, todas as lutas e pautas se encontram para discussão. Segundo a jovem: “A gente pode sofrer violências diferentes, mas o nosso inimigo é o mesmo”.

Três participantes passaram por relações abusivas. Em um dos relatos sobre abuso, surgiu a fala de como mulheres feministas não estão livres de sofrer machismo. Uma das participantes chegou a relatar que, durante momentos de sua relação abusiva, vivenciou acolhimento de suas amigas e foi constantemente lembrada que o feminismo também servia a ela. As experiências se deram em momentos diferentes: para uma delas, a relação se deu durante a adolescência, em um período quando ainda se descobria como feminista. Outra vivenciou um casamento que se desenvolveu de maneira abusiva. Por

fim, uma das entrevistadas levantou que passou por relação tóxica com uma mulher, algo que, em suas palavras, não acreditava ser possível. Duas entrevistadas que tiveram relacionamentos com outras mulheres relataram a problemática dos relacionamentos. Não apresentaram problemas com a família, mas a questão de não ser possível convidar a parceira para conhecer familiares se deu em uma das narrativas. Sobre as relações, na experiência de uma das jovens, que se autodeclara preta, era comum atrair-se por pessoas brancas e aceitar tratamentos de desrespeito. Ela ainda afirma que demorou para perceber como era afetada pelo racismo, pois não se manifestava diretamente, mas de maneira sutil em suas relações.

Identidade de gênero e sexualidade foram tópicos abordados por três entrevistadas. Luciana ainda sofre com o desrespeito a sua identidade e tem o uso de seus pronomes negado entre familiares, que não a aceitam. Isso causou rompimentos desde sua adolescência e fez com que buscasse moradia em outro local. Para Bagagli (2018, p. 236), “a situação de vulnerabilidade a que pessoas trans estão expostas começa a se delinear ainda na infância, no seio da família, e irá se estender e produzir efeitos em diversos âmbitos sociais”. A entrevistada relatou ter percebido que as opressões sofridas para além do ambiente familiar sempre a afetaram. A sexualização de pessoas trans, segundo Luciana, posiciona socialmente mulheres trans em lugares de subalternidade, como a prostituição. Hamasaki (2022) enfatiza a importância de políticas públicas que possibilitem alternativas à população trans, diante da recorrência das violências e precarização a que são submetidas. O autor ainda enumera as consequências trazidas dessas opressões, como a questão de saúde mental e a marginalização. Para Luciana, o acolhimento recebido nas rodas de conversa da Casa Helenira foi essencial na percepção de si mesma, entender que era parte do movimento e que deve ser respeitada como mulher.

De acordo com Ribeiro (2018), o feminismo vem atraindo cada vez mais a atenção das gerações mais jovens. Para as entrevistadas, as gerações divergem em relação à discussão das opressões de gênero. Todas enfatizaram a importância da luta travada pela geração anterior de mulheres na concretização dos direitos hoje presentes. Entretanto, em alguns relatos, há entendimentos diferentes quanto à geração mais jovem: para algumas, há maior adesão; para outras, desinteresse em relação ao grupo etário de que fazem parte.

Considerações finais

A metodologia e o tratamento de dados possibilitaram o levantamento de caracterizações nas formas de organização presentes nas realidades de jovens feministas nas cidades em que se articulam.

A concepção inicial do feminismo contava com movimentações presenciais e propagação das ideias do movimento a partir de publicações em jornais. Com o avanço dos tempos, conquistas se consolidaram a partir da luta de mulheres: entre elas, a conquista ao voto, considerado exercício pleno da cidadania, ao trabalho sob condições melhores e à autonomia financeira. Além disso, os direitos sexuais avançaram e trouxeram o controle de natalidade antes negado às mulheres, apesar de ainda contar com restrições, como a legalização do aborto para além de casos de estupro. Mesmo sofrendo invalidações e até afirmações de irrelevância atual, o movimento feminista segue mantendo seu espaço, contando agora com a presença de novas gerações e a integração de novas maneiras de organização.

Buscando compreender melhor como se articulam, o estudo realizou entrevistas com cinco integrantes de coletivos ou grupos feministas na região do ABC Paulista, pois é o local onde o estudo se desenvolve e, apesar de contar com pesquisas de gênero, são escassas as pesquisas voltadas para esta temática.

Três participantes tiveram contato com o movimento ainda em idade escolar, durante a adolescência, por vídeo, aulas de filosofia ou por exposição a notícias – neste caso, a notícia de um estupro coletivo despertou na entrevistada a indignação que a levou a sua primeira manifestação. Duas participantes somente perceberam o movimento no fim de suas adolescências, uma delas durante estudo da faculdade e a partir de situações de assédio no trabalho; outra, a partir de sua própria construção como mulher trans e da noção de pertencimento ao movimento. Todas têm o feminismo como um movimento que busca igualdade e única ferramenta de emancipação feminina, até mesmo como uma via de canalização das frustrações geradas pelas desigualdades.

Nas narrativas, as opressões direcionadas às mulheres foram concebidas em diversas formas: todas as entrevistadas comentaram que as opressões se desenrolam de diversas formas e são vivenciadas diferentemente pelas mulheres, em sua diversidade. Todas as jovens apontaram problemas nas vertentes feministas liberal e radical, classificando-as como ilusória e excludente, respectivamente. O contexto de criação das entrevistadas serve de exemplo para seus próprios discursos, pois as divergências de

experiências entre as mulheres brancas e a mulher preta ou entre mulheres cis e trans estão notáveis desde o frequentar do ambiente escolar até a relação familiar. Entre as pautas, estão a busca pelo avanço dos direitos reprodutivos, a criação de políticas públicas direcionadas às mulheres e a ocupação feminina em cargos de poder, como no âmbito político. Neste sentido, a ausência de acolhimento a mulheres que foram vítimas de violência ou se encontram em situação de vulnerabilidade foi observada.

Para as entrevistadas, a maneira de organização está no presencial, na conversa. O diálogo foi levantado como ferramenta de promoção do feminismo, não somente para discussão ou problematização de pautas, mas como uma forma de ouvir as vivências e “ir aonde as pessoas estão”, acessando diversas mulheres de maneira ponderada, com discursos acessíveis e livres de julgamento, apenas acolhimento e escuta. As manifestações também ocupam espaços públicos, mas foram apresentadas pelas entrevistadas como uma maneira de trazer atenção para os problemas, fazendo com que as pessoas parem e procurem saber.

Todas as entrevistadas estão organizadas e se articulam em diferentes contextos: duas estão no cenário político, duas fazem parte de um coletivo de um movimento central na região e, finalmente, uma é parte de uma rádio coletiva. Foi possível observar um diálogo forte do feminismo concebido pelas jovens com ondas anteriores, na retomada de ações que estavam presentes na origem do movimento, como as reuniões presenciais e rodas de conversa ou divulgação por meio de jornais próprios. A própria internet, advento tecnológico recente, foi delineada apenas como espaço de convocação para o presencial ou para ilustração do trabalho desenvolvido pelos coletivos que integram.

O estudo não fornece um panorama abrangente da região em que se desenvolve, mas levanta pontos de articulação presentes na realidade de cinco mulheres que se denominam feministas e que atuam, de alguma forma, junto ao movimento.

Rebeca Nunes Guedes Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8784-9589>

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, PPGCOM, São Caetano do Sul (SP), Brasil

Doutora em Ciências pela USP

E-mail: rebeca.oliveira@online.uscs.edu.br

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.354>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 51, p.25-46, set./dez. 2023

Angélica Aparecida Sanches Hamasaki

Universidade Municipal de São Caetano do Sul, PPGCOM, São Caetano do Sul (SP), Brasil

Mestra em Comunicação pela USCS

E-mail: angelica.hamasaki@uscsonline.com.br

Recebido em: 28 de abril de 2023.

Aprovado em: 25 de agosto de 2023.

Referências:

ARUZZA, Cinthia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 128 p. 2019.

BAGAGLI, Bia Pagliarini. Breve Levantamento de Questões Transfeministas e o Caso Brasileiro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COFEN. COFEN, 2023. Notícia sobre as mudanças nas regras para laqueadura e vasectomia no portal do Conselho Federal de Enfermagem. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/mudanca-nas-regras-para-laqueadura-e-vasectomia-entra-em-vigor_106563.html.

COSTA, Albertina de Oliveira; BARROSO, Carmen; SARTI, Cynthia. Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento Feminista Brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

DORNELLES, Fernanda; SERPA, Larissa Perini; KRUEL, Cristina Saling; NASCIMENTO GUAZINA, Felix Miguel; PRETTO CARLESSO, Janaína Pereira. Transexualidade: o brincar relacionado a identidade de gênero. **Research, Society and Development**, vol. 8, núm. 5, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=560662196002>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2023.

FERREIRA, Maria Cristina. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. **Temas em Psicologia da SBP**. Vol. 12, no 21, 2004, 119–126. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n2/v12n2a04.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 120 p. 2011.

GAVO, Verónica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 256 p. 2020.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**. V. 29, n. 2, Maio/Agosto 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/M3nBJJtyMYm4qd4TQdGpryR/?lang=pt>. Acesso em: 15 de julho de 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 102 p. 2006.

HAMASAKI, Lucas de Moraes. **Transcidadania: Comunicação no Atendimento Público De Saúde e a População Trans**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 70 p. 2022.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 360 p. 2018.

_____, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 400 p. 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

_____. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KUHNERT, Duda. Nas artes. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MIGUEL; Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MORAES, Andrea; FARIAS, Patrícia Silveira De. Na academia. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MOTTA, Daniele Cordeiro. O dilema das desigualdades frente ao marxismo. In: MARTUSCELLI, Danilo Enrico. **Os desafios do feminismo marxista na atualidade**. Chapecó, Coleção marxismo21, 2020.

NARDI, Henrique Caetano; SILVEIRA, Raquel da Silva; SPINDLER, Giselle. Articulações entre Gênero e Raça/Cor Em Situações de Violência de Gênero. **Revista Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 26, n. 2, 326-334, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/xtzwLkTLWPjLFyD8Qjz7Qxj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 de julho de 2022.

PELLEGRINO, Antonia. Política representativa. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RAMOS, Anne Carolina. A Construção Social da Infância: Idade, Gênero e Identidades Infantis. *Revista Feminismos*. V.1, N.3 set.-dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/29993/17735>. Acesso em: 15 de novembro de 2022.

RIBEIRO, Stephanie. Quem Somos: Mulheres Negras no Plural, Nossa Existência é Pedagógica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Joasey Pollyanna Andrade da.; CARMO, Valter Moura do; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. **Revista de Direitos Humanos em Perspectiva**. s/l, v. 7, n. 1, p. 101 – 122, Jan/Jul. 2021. Disponível em: <https://indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/7948>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

SILVEIRA, Raquel da Silva; NARDI, Henrique Caetano. Interseccionalidade Gênero, Raça e Etnia e a Lei Maria da Penha. **Psicologia & Sociedade**; v. 26, n. spe., 14-24, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WHDnL9qYV6K3NnW5zMSj5Hg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v23.ed51.2023.354>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 23, Nº 51, p.25-46, set./dez. 2023